

## **"A cor da esperança": as representações de Nelson Mandela na revista *Veja***

**Renné França, Universidade Federal de Minas Gerais**

**Rosa Cabecinhas, Universidade do Minho**

### **Resumo**

Buscamos aqui analisar as diferentes representações de Nelson Mandela a partir da revista *Veja*, a mais vendida do Brasil com uma venda média de 1.200.000 exemplares por semana. Foram observadas 188 matérias jornalísticas em que Mandela foi mencionado pela revista, entre os anos de 1978 e 2009. De preso político a presidente de seu país, Mandela foi sendo representado de diversas formas e nosso questionamento busca perceber qual memória coletiva pode ter resultado destas transformações. Quem é Nelson Mandela a partir da *Veja*? Que valores sua imagem carrega? Como as representações da revista se transformaram ao longo dos anos? Representação será aqui tratada a partir das discussões de Stuart Hall, como local de encontro entre significados e linguagem em uma cultura. A revista *Veja* será entendida, então, como local onde signos e imagens representam sentidos compartilhados em uma sociedade, ao mesmo tempo em que atualiza ou modifica esses significados. Sua relação com a memória será estabelecida a partir dos contributos de Halbwachs, Wertsch e Anderson, que buscam compreender as interseções entre cultura, identidade e memória coletiva.

**Palavras-chave:** Representação; memória coletiva; revista; Mandela

### **Abstract**

This paper aims at analyzing the different representations of Nelson Mandela from the magazine *Veja*, the most sold in Brazil with an average sale of 1,200,000 copies a week. We observed 188 news stories in which Mandela was mentioned by the magazine, between the years 1978 and 2009. From political prisoner to president of his country, Mandela was being represented in different ways and this research seeks to understand the collective memory that may be resulting from these changes. Who is Nelson Mandela from Here? What values its image loads? How the representations in the magazine have been transformed over the years? Representation will be treated here, departing from the discussion of Stuart Hall, as a place of encounter between language and meaning in a given culture. The magazine *Veja* will be understood, then, as a place where signs and images represent shared meanings in a society, while at the same time updates or modifies these meanings. Its relationship with the memory will be established from the contributions of Halbwachs, Wertsch and Anderson, who seek to understand the intersections between culture, identity and collective memory.

**Keywords:** representation; collective memory; magazine; Mandela

## **1. Introdução**

Com as mãos espalmadas uma contra a outra à altura do queixo, um senhor grisalho e vestindo um terno olha fixamente para o leitor. Acima de sua cabeça, em letras brancas e sem contorno, o nome *Veja*, a maior e mais influente revista de informação do Brasil. Em letras pequenas, ao lado do rosto, a explicação

de quem é aquela pessoa: "Nelson Mandela, líder sul-africano". Abaixo, em letras maiores e amarelas, a manchete: "A NOVA ÁFRICA DO SUL. Quem é este homem que sozinho representa para a revista a "nova África do Sul"? Como pode ele personificar um povo ou todo um país? Em seus 40 anos de existência, *Veja* destinou duas capas para Nelson Mandela. A primeira é exatamente a que acabou de ser descrita, do dia 31 de julho de 1991.

Mas esta não foi a única vez que este personagem ganhou a atenção da revista. O objetivo desse trabalho é olhar para as representações de Nelson Mandela ao longo dos anos, a partir da revista *Veja*, em uma tentativa de perceber como a memória social transforma-se com o passar do tempo. De preso político a presidente de seu país, Mandela passou por diferentes representações e nosso questionamento busca perceber qual memória coletiva pode ter resultado destas transformações. Quem é Nelson Mandela a partir da *Veja*? Que valores sua imagem carrega? Como as representações da revista se transformaram ao longo dos anos para culminar em um homem capaz de representar todo um país? A memória a África do Sul está entrelaçada à memória de Mandela?

Representação será aqui tratada a partir das discussões de Stuart Hall, como local de encontro entre significados e linguagem em uma cultura. A revista *Veja* será percebida, então, como local onde signos e imagens representam sentidos compartilhados em uma sociedade, ao mesmo tempo em que atualiza ou modifica esses significados. O recorte para análise foi estabelecido a partir das reportagens que a revista dedicou ao líder sul-africano até o momento<sup>1</sup>: ao todo são 188 matérias em que Mandela foi mencionado, entre 1978 e 2009. Para efeitos de análise, concentramo-nos naquelas referentes aos fatos mais significativos na trajetória do líder político, indo da primeira vez que ele é mencionado pela revista, em 1978, até quando deixa o governo da África do Sul, em 1999.

## 2. Representando Mandela

Em sua obra, *Mind, self and society*, G. H. Mead tenta quebrar a dicotomia existente no campo da Sociologia entre indivíduo e sociedade. Para o autor, a compreensão da vida social só é possível se olharmos para as interações entre os indivíduos e para a força da estrutura social funcionando articuladamente. Mente, eu e sociedade são três instâncias do mesmo fenômeno, que é a ação social. De acordo com ele, tanto as interações entre os indivíduos quanto a sociedade só poderiam ser entendidas se as pensarmos através do ato. Nas palavras do autor, "... the study of consciousness from the standpoint of the organism inevitably led men to look at consciousness itself from the point of view of action" (Mead,

<sup>1</sup> *Veja* surgiu em 1968, vinte anos após a criação do regime do *Apartheid* em 1948 na África do Sul, do qual Nelson Mandela foi o mais proeminente adversário. O *Apartheid* "foi o corolário de um modelo de organização da sociedade que hierarquizava brancos, *colored*, asiáticos e bantus, nesta ordem" (Hollanda, 2008: 02)

1934: 22). Sendo assim, sujeitos só existem enquanto sociedade a partir do momento que eles estão interagindo.

No processo de interação social, a leitura e interpretação das ações do indivíduo pelo seu interlocutor só são possíveis porque os atos e palavras das pessoas carregam significados. Nesse sentido, G. H. Mead destaca a importância da linguagem na ação social. De acordo com ele "language is a part of social behavior" (Mead, 1934: 13). A interação estaria no centro da vida social e a linguagem no centro da interação. Desenvolvendo suas idéias em torno da mente, do eu e da sociedade, o autor chega a uma formulação do conceito de interação que nos será útil para tentar entender os processos que buscamos analisar.

A formulação teórica de Mead é extensa, complexa e bem amarrada. Suas três instâncias do ato social (mente, eu e sociedade) se interpenetram, sendo difícil pensar a interação social abrindo mão de alguma delas. Para começar, é importante deixar claro que, para Mead, a mente (*mind*) é a consciência de cada um de nós. É a partir do momento que tomamos consciência do nosso estar no mundo que nos fazemos sujeitos.

Essa tomada de consciência trata, na verdade, da nossa percepção enquanto indivíduos inscritos num ambiente social, estabelecendo relações com outras pessoas e dando sentido às coisas. Através da nossa consciência, o mundo se torna real para nós, e assim é também com os outros. Mead diz que "the whole world comes to lie inside of the observer's brain; and his brain lies in everybody else's brain, and so on without end (Mead, 1934: 33).

Sabemos da nossa existência no mundo porque conseguimos perceber as coisas e as pessoas. O mundo inteiro pode ganhar forma no nosso pensamento, uma vez que já vivenciamos, nas ações do dia-a-dia, seus significados. Obviamente, há coisas que só dizem respeito a cada um de nós: algumas situações vividas, que possuem um sentido muito particular. Mas, além disso, há elementos comuns a todos, que carregam o mesmo significado para qualquer indivíduo. E nas interações que estabelecemos, tratamos desse mundo comum. De acordo com Mead

"one individual has one experience and another has another experience, and both are stated in terms of their biographies; but there is in addition that which is common to the experience of all [...]. We are always separating that which is peculiar to our own reaction, that which we can see that other persons cannot see, from that which is common to all. We are referring what belongs to the experience just of the individual to a common language, to a common world" (Mead, 1934: 33).

A noção de linguagem é de fundamental importância para compreendermos o conceito de interação de Mead. Como dissemos anteriormente, para ele, a linguagem está no centro do processo interativo. Ela se

materializa em gestos significantes: atos ou palavras que são compreendidos por todos os interlocutores no momento da ação. Só conseguimos entender o que o outro quer dizer porque somos capazes de atribuir um sentido aos seus gestos ou palavras. Se esse sentido pode ser entendido, é porque há um nível de compartilhamento de significado que atende os dois interlocutores no momento específico da interação.

Mead apresenta assim o gesto significante:

“... [in social interaction, we] have a symbol which answers to a meaning in the experience of the first individual and which also calls out that meaning in the second individual. Where the gesture reaches that situation it has become what we call ‘language’. It is now a significant symbol and it signifies a certain meaning” (Mead, 1934: 46).

Através de gestos significantes transmitimos sentidos na nossa ação social. É por eles que conseguimos nos comunicar com as pessoas, uma vez que o significado compartilhado ali está presente também na consciência do interlocutor. A interação social seria assim um ajustamento mútuo de ações a partir da percepção do comportamento do outro em relação às nossas atitudes. De acordo com o próprio autor:

“We are more or less unconsciously seeing ourselves as others see us. We are unconsciously addressing ourselves as others address us [...]. We are calling out in the other person something we are calling out in ourselves, so that putting ourselves in the place of others and acting as others act. I want simply to isolate the general mechanism here, because it is of very fundamental importance in the development of what we call self-consciousness and the appearance of the self. (Mead, 1934: 68).

Aqui fica claro como Mead entende a noção de interação: um processo de ação reciprocamente referenciada em que cada indivíduo está, o tempo todo, pensando a sua atitude através da sua percepção da reação do interlocutor. Como dito acima, a interação é um ajustamento mútuo de comportamento. E esse ajustamento se dá porque, inconscientemente, estamos encontrando no outro, padrões de comportamento que encontramos em nós mesmos, conseguindo assim dar sentido às ações do outro como damos às nossas.

A interação, como um tipo de relação social, é uma rica chave analítica para entendermos o funcionamento da vida social. A concepção de Mead é ainda mais interessante porque dá destaque à linguagem, apontando o significado como fundamental para qualquer processo interativo, percebendo-o emergindo do próprio social. Além disso, mostra a sociedade formada por um conjunto de interações, chamando a atenção para a dinâmica e movimento da realidade social nos momentos em que os sujeitos entram em interação, em comunicação.

Segundo Stuart Hall (1997), cultura é compartilhamento de significados, e é na linguagem onde esses significados são produzidos e trocados e as coisas ganham sentido. Buscando perceber como a linguagem constrói significados, o autor a compreende como um sistema de representação<sup>2</sup>, onde usamos signos e símbolos para representar para os outros nossos conceitos, idéias e sentimentos. Linguagem seria, então, um dos meios pelos quais pensamentos e valores são representados na cultura. Entendendo a cultura como sentimentos, emoções e idéias partilhadas, podemos pensar os significados culturais como aquilo que organiza e regula praticas sociais, influenciando nossas condutas e tendo como consequência efeitos reais e práticos.

As coisas em si não possuem um significado único, fixo e imutável: são os sujeitos participantes na cultura que dão significados aos objetos, pessoas e acontecimentos. É pelo nosso uso das coisas (o que dizemos, pensamos e sentimos em relação a elas), que as representamos, e assim damos a elas significados. Usando a discussão de K. Woodward sobre cultura e identidade, Hall aponta o poder dos significados para nos dar um sentido de quem somos e onde pertencemos, sendo produzidos e trocados em todas as interações sociais e pessoais em que fazemos parte, incluindo, claro, a mídia.

O que nos faz retornar à linguagem como sistema de representação. A mídia, obviamente, opera através da linguagem, e é a linguagem que promove a circulação e produção de significados. Isso é feito através de elementos como sons, palavras, gestos, expressões e até roupas que funcionam como símbolos que carregam significados, representando os sentidos que se pretende comunicar. Hall busca uma abordagem discursiva para a compreensão da representação, pois acredita que no discurso pode-se perceber não apenas como a linguagem e a representação produzem significado, mas também como um discurso particular conecta-se ao poder, regulando condutas e construindo identidades e subjetividades, definindo a maneira como certas coisas são representadas pensadas e estudadas.

Olhando para a linguagem como local privilegiado para a compreensão da representação e focado nas estruturas do discurso, Hall opta por um método de análise voltado para os textos como local de visualização dos sentidos que circulam pela cultura. Entretanto, o autor está sempre atento para o contexto da produção desses textos, uma vez que entende que um estudo da representação só pode ser feito tendo em mente o sistema cultural e social em que o significado simbólico circula (ou circulou). Isso porque a representação funciona menos como um modelo de um único transmissor, mas mais como um diálogo, sempre em uma interação dos lados do processo comunicativo: o significado vai sempre depender da relação das coisas com o mundo. É dessa relação dialógica que surge a representação, e é graças a esse

---

<sup>2</sup> Há, segundo, Hall, dois sistemas de representação. Primeiro há o "sistema" pelo qual todo tipo de imagens, pessoas e acontecimentos são correlacionados com uma série de conceitos ou representações mentais. Sem elas, não poderíamos interpretar o mundo significantemente. Em primeiro lugar, então, significado depende do sistema de conceitos e imagens formado em nossos pensamentos que podem substituir ou "representar" o mundo, permitindo-nos fazer referência às coisas tanto dentro como fora de nossas mentes (Hall, 1997: 17). O outro "sistema" depende da construção de uma série de correspondências entre nosso mapa conceitual e os signos, que são organizados através da linguagem. Da relação entre as coisas, seus conceitos e os signos, nasce o significado, e é o processo responsável pela união desses três elementos que Hall chama de representação.

processo interativo (que depende de códigos culturais comuns) que não podemos ter a garantia de que uma representação se manterá estável para sempre.

A representação de Nelson Mandela pela revista *Veja* se transformou com o passar do tempo, provando-se como diálogo contínuo que compartilha significados dentro de uma mesma cultura, e instável devido à sua trajetória pessoal, às transformações da sociedade e às mudanças da própria revista enquanto detentora de linguagem. Acreditamos que as representações sociais são fundamentais para a compreensão da maneira como os indivíduos recordam e, dessa maneira, observar a construção da representação de Mandela nos dará uma pista de que significados ele possui na memória coletiva de nossa sociedade.

### **2.1 O marido de Winnie**

A primeira vez que Nelson Mandela aparece na revista *Veja* é na edição 491, de 01 de fevereiro de 1978. A matéria "Banidos da Vida" foca nas 1300 pessoas condenadas ao banimento na África do Sul desde 1950, quando foi editado o Ato de Repressão ao Comunismo – rebatizado em 1976 de Ato de Segurança Interna. Nelson Mandela é aqui citado como marido de Winnie Mandela, a protagonista da reportagem, que é usada como exemplo.

Quase todos os dias, Winnie Mandela, 43 anos deixa o casebre onde vive na remota cidade de Brandfort, na África do Sul, e sob ostensiva vigilância policial, dirige-se ao posto telefônico. Ali, durante duas horas seguidas, ela espera a eventual chamada de um amigo ou parente – seu único contato possível com o resto do país. Winnie, uma das líderes do movimento contra a discriminação racial na África do Sul e mulher do prisioneiro político Nelson Mandela, ex-presidente do proscrito Congresso Nacional Africano, está condenada a uma das mais draconianas punições hoje em dia em seu país: 'banimento civil', uma combinação de prisão domiciliar e exílio interno que flagela cerca de 170 opositores ao regime... Acima de tudo, porém, aquela que é vista como uma espécie de matriarca da luta anti-apartheid foi 'oficialmente' proscrita da memória de seus concidadãos. Seu nome não pode jamais ser mencionado, em público ou privadamente, nem por escrito, nem de forma oral". (pág 36).

Uma fotografia da Winnie Mandela, em preto e branco, ilustra a matéria com a legenda "Winnie: 'É como estar enterrada viva'", personificando nela todos os condenados ao banimento. A utilização de uma figura única, facilita na tradução de sentimentos em imagens para o leitor. "A opção de evidenciar as personagens envolvidas e não o fato propriamente dito, destacando testemunhos, opiniões, é uma forma de, dramatizando, nos convidar a nos envolvermos, a tomarmos partido e a opinarmos do lado" (Silva, 2002: 293). Nessa primeira representação, Nelson Mandela aparece citado de maneira rápida, como um

coadjuvante de uma história maior. Esse caráter se manterá na matéria seguinte, de 23 de abril de 1980, quando Robert Mugabe é eleito primeiro-ministro do Zimbábue:

Com a instalação de um governo de maioria negra em Salisbury, a África do Sul sobressai como o último ponto branco no mapa africano e já mostra os reflexos das transformações sofridas no país vizinho. Um sinal disso: desde a eleição de Mugabe, no mês passado, mais de 42.000 pessoas, inclusive estudantes brancos, assinaram um manifesto pedindo a libertação do líder nacionalista negro sul-africano Nelson Mandela, preso há mais de dez anos. (pág 33).

Mandela surge mais uma vez como figura lembrada quando se fala de preconceito e lutas humanitárias. Sua representação inicial, apesar de não ser forte ou grandiosa com relação a algum significado maior, condiciona aos poucos seu nome à luta pelos direitos dos negros, uma vez que é sempre lembrado em notícias com esta temática. Tratando de um grupo que vive e sente repressão, o nome Mandela impede que determinados abusos de poder sejam esquecidos e reforça a memória social dos negros a partir das representações deste líder.

Para Halbwachs (1950/1990), o desapareço pelo grupo provoca o esquecimento, uma vez que a memória coletiva se situa em quadros sociais mais próximos e que dizem respeito a uma "pequena sociedade". Neste sentido, as imagens não subsistem em "alguma galeria subterrânea de nosso pensamento", mas estão na sociedade, onde "estão todas as indicações necessárias para reconstruir tais partes de nosso passado, as quais nos representamos de modo incompleto e indistinto" (Halbwachs, 1990: 77). Em geral, o que se passa com a Nação, segundo o autor, está longe demais do indivíduo e tem poucos pontos de contato com a sua história pessoal. Se a memória desaparece é porque os grupos que dela guardavam a lembrança desapareceram ou deixaram de manter viva essa memória. A memória da luta, da organização e resistência dos negros na África do Sul continua viva porque os grupos mantêm essa lembrança e principalmente porque Nelson Mandela e Winnie, ao personificarem todas essas lutas, trazem-nas para perto dos indivíduos, impedindo seu esquecimento.

A luta contra a memória fica clara na proibição do governo da África do Sul de se dizer e escrever o nome dos dois, em uma tentativa de levá-los ao esquecimento<sup>3</sup>. Mas ao contrário, o nome Mandela, aos poucos, vai se ligar à noção de luta pela liberdade. A ausência de imagens e mesmo de falas do personagem vão criando uma representação misteriosa de um homem que, apesar de preso, representa perigo para seus algozes. A continuada exibição do nome de Mandela nos jornais parece criar um sentido comum na luta contra a segregação racial e Benedict Anderson (1983/2005) trata desta importância da imprensa escrita

<sup>3</sup> Para o governo da África do Sul, o "esquecimento" de Nelson Mandela era importante para a manutenção daquilo que Anderson (2005) chama de "nacionalismo oficial": políticas conservadoras criadas pelos aparatos do Estado. Wertsch também discute este papel do Estado como criador de uma memória coletiva, ao afirmar que "states have a strong interest in seeing their version of official history being accepted by citizens in such a way that they become a loyal imagined community" (Wertsch, 2002: 85).

para a construção de um sentimento de comunidade. Segundo o autor, o surgimento do capitalismo de imprensa permitiu que as pessoas pensassem não apenas acerca de si mesmas, mas também que se relacionassem com outras, percebendo-se parte de um contexto maior. Ao ser constantemente citado, Nelson Mandela aos poucos se torna um elemento de coesão para a comunidade negra.

Em 13 de julho de 1983, uma pequena fotografia de Nelson Mandela aparece pela primeira vez, ao lado da de Winnie Mandela, com a legenda: "Winnie, hoje, e Nelson (foto de 1961): casal marcado". A matéria chama "Pedra no Sapato – Isolamento não dobra o casal Mandela".

Em 25 anos de casamento, Winnie e Nelson Mandela só passaram quatro meses juntos (...). A separação começou no próprio dia do casamento: Nelson foi preso logo após a cerimônia, a caminho da recepção (...). A filha do casal, Zinzi, hoje com 20 anos, jamais viu o pai fora da prisão, e sua convivência com a mãe sempre foi intercalada por frequentes intervenções da polícia. (...) Nelson Mandela, de 65 anos, já passou um terço da vida encarcerado (...). Por sua vez, Winnie, de 48 anos, sofre há 21 anos todo tipo de restrições por parte do governo, a ponto de ser considerada a pessoa mais perseguida da África do Sul. Ativa militante e um dos símbolos da resistência da maioria negra (72% da população sul-africana) ao regime de minoria branca, Winnie acabou sendo enquadrada num peculiar tipo de punição – o banimento de uma pessoa dentro de seu próprio país. (pág 40).

Nelson ganha maior destaque do que nas matérias anteriores, entretanto, ainda necessita de Winnie para ser representado. Neste momento, os dois são igualmente importantes como personificações da luta contra a opressão branca na África do Sul. O texto, entretanto, termina com uma clara referência à força simbólica de Nelson Mandela, reforçando sua luta pela igualdade racial.

Em Poolsmoor, Mandela só pode conversar com os cinco companheiros de cela, todos membros do proscrito Congresso Nacional Africano. Seu nome continua proibido de ser citado, dentro da África do Sul, mas todos os esforços para suprimir sua influência foram, até agora, em vão. Mandela – ex-campeão de boxe e um dos primeiros advogados negros a se formarem no país – continua, segundo recentes pesquisas de opinião, a ser o líder mais popular e admirado entre os negros sul-africanos. (pág. 41).

A representação de Mandela tem um sentido duplicado, fazendo uso da linguagem em seu caráter conotativo e denotativo. Precisamos lembrar que o significado é construído no sistema de representação, mas é no código onde se torna fixo, estabilizando-se dentro de diferentes linguagens e culturas. E o signo é sempre lido a partir de um significante que faz referência a um significado (Saussure). Assim, a interpretação é parte essencial para o processo de significação, uma vez que todo significante precisa ser

decodificado pelo receptor. Apesar do próprio Hall apontar lacunas no modelo de Saussure por focar apenas nas formas (especialmente na linguagem), não entrando em uma discussão de poder, historicidade e cultura, o linguista é importante por mostrar a representação como prática discursiva, e a semiótica surge como uma ferramenta de análise importante das representações. O trabalho de Roland Barthes (1978) em *Mitologias* aparece como uma aplicação do modelo de Saussure aos discursos da mídia, buscando uma tentativa de desnaturalização de certos produtos, pessoas e acontecimentos, e de importante auxílio nessa análise da representação do casal Mandela.

Barthes propõe a análise de certas imagens e discursos propondo a atenção para os sentidos que surgem ambíguos, sempre carregados de mais de um significado. Ele chama de mito esses signos recebidos como uma verdade inquestionável, mas que na realidade seriam uma forma, sistemas de significação que produzem um sentido onde significante e significado são ambos manifestos (o significado não se “esconde” atrás do significante, ambos estão presentes). Por isso Barthes chama a atenção para os aspectos denotativos e conotativos de todas as imagens, buscando, ainda, o significado privilegiado no discurso, que normalmente se dá pela junção da imagem com um texto.

Nesta edição de 13 de julho de 1983, o sentido denotativo está na figura do homem que aparece em um quadro ao lado de Winnie: ele é Nelson Mandela (o texto ao lado da imagem deixa isso claro), um homem aparentemente comum em uma fotografia já antiga.



Mas o texto da matéria que é associado a esta imagem traz um sentido conotativo do ser homem especial, uma exceção. Sentido esse que se revela privilegiado na revista quando informa que este preso no dia do próprio casamento foi um dos primeiros advogados negros a se formarem na África do Sul e também campeão de boxe. À imagem do homem preso político, agregam-se valores como as capacidades físicas e intelectuais. Mandela não apenas lutou pela liberdade de seu povo, como também é inteligente (formou-se em Direito) e possui força física (não apenas lutou boxe, como foi campeão). Começa-se a criação de uma

representação próxima de um herói, alguém que já venceu outros desafios na vida e passa por mais um na prisão. O tom da matéria focado na injustiça da prisão e o apelo dramático da separação do casal criam uma simpatia admiração por Mandela que vão além do caráter denotativo inicialmente percebido pelo leitor. Em 21 de agosto de 1985, a libertação de Mandela aparece claramente na revista como símbolo do fim do *Apartheid*. Na matéria "A luta das palavras – Um discurso do presidente do país frustra a maioria negra, mas não afasta as esperanças americanas", Mandela surge como representante de tudo que o governo não é. Apesar de aqui também não ser o foco da reportagem, o preso aparece mencionado de maneira que ganha força pela oposição ao presidente da África do Sul, Pieter Botha.

Nunca se vira tanta expectativa, na África do Sul, quanto a que cercou, na semana passada, o discurso que o presidente e primeiro-ministro do país, Pieter Botha, 69 anos, faria na cidade de Durban. Antecipava-se que Botha anunciaria uma significativa suavização do sistema de apartheid (...) Quando menos, dizia-se, Botha poderia mostrar sua boa vontade para com os negros com um gesto como a libertação de Nelson Mandela, o mais carismático e combativo líder negro do país, mantido no cárcere há 23 anos (pág 40).

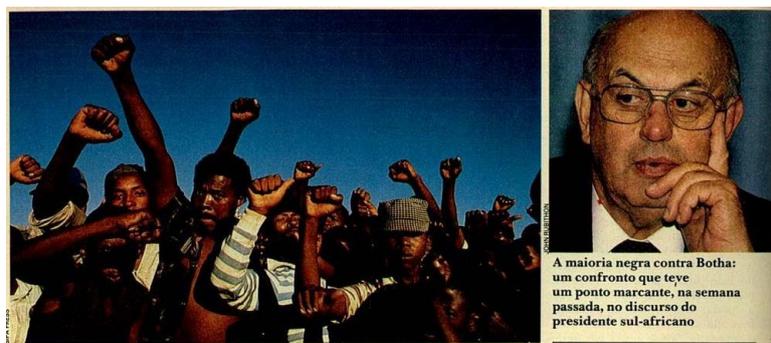
A imagem de Mandela aparece em uma fotografia segura por sua filha, o que é significativo de sua presença simbólica apesar da ausência física. A imagem daquele homem passa a representar um futuro melhor para a maioria negra do país, em contraposição ao branco Botha que frustrou a população com um discurso retrógrado.



Trata-se de um exemplo de significação por opostos conforme tratada por Hall em sua problematização sobre a diferença em *Representation*. Utilizando as concepções de Saussure da linguagem, o autor buscar

compreender o significado pelo contraste: o preto, por exemplo, só ganharia sentido como oposto ao branco. Apesar de ser um modo reducionista para perceber o sentido, a significação por oposição pode ser interessante para o entendimento da representação de Mandela em *Veja* a partir de sua relação com Pieter Botha.

A percepção que se tem de Nelson Mandela só pode se estabelecer, na matéria, pela comparação com o presidente. Não são dados indícios da importância do líder negro, ou de que maneira ele poderia resolver os problemas do país, mas é dito que sua libertação poderia diminuir os conflitos e aumentar a esperança de todo um povo. Enquanto Botha é mostrado como o representante institucional da minoria branca que priva os negros de seus direitos, Mandela surge, na imagem escolhida pela revista, como o pai que nunca pôde ver a filha fora da prisão.



A utilização de uma fotografia colorida da filha segurando uma imagem em preto e branco do pai reforça o tempo que este passa na prisão, ao ponto de não possuir uma imagem atual para a filha mostrar. Na fotografia, Mandela está sorrindo, mostrando simpatia em oposição ao rosto fechado e sério de Botha. A escolha de lados é fácil para o leitor, que por comparação não deve ter dúvidas de quem é o herói e quem é o vilão desta história.

Mandela vai aparecendo aos poucos, à margem das notícias. Mas seu nome é sempre lembrado em todas as matérias que envolvem a África. Exemplo da edição 894 de 23 de outubro de 1985 em que a matéria "Morte na forca – Governo ignora apelos e executa rebelde" trata da execução de Benjamin Moloise, condenado por assassinar um policial.. "Do lado de fora da prisão um grupo de militantes negros liderados por Winnie Mandela, esposa do líder Nelson Mandela, encarcerado há 23 anos, também entoou cantos políticos" (pág 58).

Na edição 918, de 09 de abril de 1986, a matéria "Desafio vencido – Termina o confinamento de Winnie Mandela", apresenta Nelson Mandela mais uma vez como o marido preso de Winnie. Ela é chamada pelos negros, segundo a matéria, como "a mãe da nação".

Lançada na cena política na qualidade de mulher e único elo de ligação de Mandela com o resto do mundo, a exemplo do que ocorreu com a presidente filipina, Corazón Aquino, Winnie se transformou numa adversária formidável para o regime africano – e quase tão temível quanto o seu marido, trancafiado na prisão. (pág. 40).

A frase "quase tão temível quanto o seu marido" demonstra como, apesar de necessitar do significante Winnie para ser representado, Nelson Mandela é nas matérias da revista mais simbolicamente importante do que ela. A matéria é ilustrada com uma foto amarelada, antiga, dos dois felizes. A antiguidade aparente da foto traz o drama daquele casal que não pode ficar junto e teve poucos momentos de felicidade.



O foco em Winnie continua na edição 922, em 07 de maio de 1986: "Prova de força – negros paralisam o país com sua maior greve". Mandela mais uma vez é o marido de Winnie, que é aqui representada como símbolo da luta anti-apartheid.

Mesmo assim, a ampla adesão à greve deu novo alento ao movimento dos negros sul-africanos contra o apartheid. Falando a 30.000 pessoas num comício em Soweto, o gueto negro vizinho a Johannesburg, Winnie Mandela, símbolo e porta-voz da luta antiapartheid, foi ovacionada ao conclamar os negros a 'cerrarem fileiras e se prepararem para a luta final'. Winnie, cujo marido, Nelson Mandela, cumpre pena numa prisão sul-africana há 24 anos, só recentemente conquistou a liberdade de falar em público. (pág. 50).

Percebe-se, em um primeiro momento, que as representações de Nelson Mandela pela revista são sempre feitas a partir de outras personalidades. Mandela não possui imagens atuais e nem fala ou ações tornadas públicas, o que obriga as matérias jornalísticas a falarem dele através dos outros, seja por contraste com o presidente da África do Sul, ou pela presença ativa de sua esposa na luta anti-apartheid. Mas sua presença constante acaba por criar uma representação mítica, um nome pertencente a um rosto misterioso e que está sempre ligado ao fim das injustiças. O distanciamento físico de Nelson Mandela acaba por retirar seu aspecto humano, como se ele fosse uma figura dos livros de história da qual conhecemos os feitos, mas nunca vimos ou ouvimos.

### **2.3 A cor da esperança**

Na edição 1002 de 18 de novembro de 1987, Mandela é o foco da reportagem “Nova esperança – Governo insinua que pode libertar Mandela”.

Quando o líder negro sul-africano Nelson Mandela completou, no último dia 6, 25 anos de sua pena de prisão perpétua – por conspirar contra o regime racista do país -, os militantes do Congresso Nacional Africano (CNA) julgaram ter bons motivos para ver renovadas esperanças, tantas vezes desmentidas na prática, de que ele finalmente deixe a penitenciária de Pollsmoor. No dia anterior, fora libertado outro de seus mais importantes dirigentes, o jornalista Govan Mbeki, de 77 anos, depois de passar 23 na prisão pelos mesmos motivos – ‘sabotagem’ e ‘alta traição’ -, e os boatos que de tempos em tempos tomam conta do país, dando por iminente a libertação de Mandela, voltaram a circular com intensidade. (pág. 51)

Apesar do fato concreto ser a liberdade de Mbeki, é Mandela quem ilustra a reportagem com uma foto sua vestido de terno e gravata, em uma imagem bastante distante do que se imagina de um presidiário comum.



É o início de reportagens que tratarão Nelson Mandela como a representação quase mítica de um homem que luta sozinho contra o preconceito e que representa todo um país. À medida que se aproxima de sua libertação, ele ganha cada vez mais os holofotes, enquanto Winnie vai aos poucos assumindo o papel de coadjuvante. Nos anos 90, Nelson Mandela será representado como um dos maiores heróis que o mundo já conheceu.

É o que começamos a perceber na edição 1088, 19 de julho de 1989. “Chá com bolinhos – O presidente sul-africano tira o líder negro Nelson Mandela da cadeia para uma conversa e acena com diálogo”. A ausência do nome do presidente no título da matéria já demonstra o claro foco em Mandela. O líder aparece como um personagem político importante não apenas para os negros, mas para todo o país.

Mandela voltou para a prisão, após a reunião com Botha, mas surgiram rumores de que ele seria libertado em breve – provavelmente após as eleições, no início de setembro, e antes de o novo presidente assumir, no final do mesmo mês. O governo de minoria branca sabe que, sem a colaboração de Mandela, dificilmente conseguirá tirar o país do impasse em que se encontra (pág. 47).

No ano seguinte, na edição 1116 de 7 de fevereiro de 1990, é finalmente anunciada a libertação de Nelson Mandela. No alto da página, ele aparece em uma fotografia antiga, sentado na prisão. A imagem está em um quadro preto, que apresenta à direita três frases do líder negro. Logo abaixo, a manchete épica: “Triunfo da coragem – A África do Sul anuncia a libertação de Mandela, o preso político mais famoso do mundo, e parte para um diálogo com a maioria negra”. Mandela recebe claramente a representação de um herói glamourizado, figura histórica importante e lenda viva.

'Mandela será libertado logo', disse o presidente Frederick Willen de Klerk. A notícia correu com a velocidade de um raio entre os milhares de manifestantes negros que cercavam na sexta-feira passada a sede do Parlamento da África do Sul, na Cidade do Cabo – e a festa imediatamente começou. Banidos por quase trinta anos da vida oficial na África do Sul, o legendário ativista e preso político Nelson Mandela e sua organização, o Congresso Nacional Africano, CNA, estão livres para combater abertamente o apartheid, sistema implantado pelo Partido Nacional em 1948 e que dá a 5 milhões de brancos o privilégio de dominar econômica, política e socialmente a maioria de 26 milhões de negros. Foi o maior triunfo dos negros contra a segregação racial e uma guinada histórica dos sul-africanos em direção à democracia. Uma prova, enfim, de que décadas de sacrifício e luta valeram a pena. (pág. 38).

Mandela personifica aqui o maior triunfo dos negros contra a segregação e também a democracia no país. Ele é a representação da luta dos 26 milhões de negros contra os 5 milhões brancos. Segundo Jenkins (1996) a identidade social é justamente a compreensão de "quem somos nós" e de "quem são os outros" e, reciprocamente a compreensão que outras pessoas tem de si mesmas e dos outros. Além disso, identidade social refere-se aos caminhos pelos quais indivíduos e coletividades são diferenciados em suas relações sociais com outros indivíduos e coletividades. Talvez pudéssemos dizer que a memória coletiva desta luta que existe desde 1948 aqui se remete à memória que a comunidade construiu ao longo dos anos e que está ligada ao nome Mandela. Ele é a "memória da comunidade", memória de um grupo que luta por uma identidade coletiva, a imagem de um sujeito coletivo "mitificado" que serve de exemplo de luta a ser seguido. Falamos de uma identidade social que, segundo H. Tajfel, permite a seleção, criação e

preservações de valores em função do que é possível e útil para construção de mitos e imagens (Tajfel, 1982: 71). E isso inclui a visão sobre os "outros", a relação dos grupos com outros grupos e, também as significações sociais proporcionadas pela cultura, na qual Nelson Mandela é figura central.

Para Anderson, o racismo se encontra fora da História, como um discurso que possui sua força baseada em contaminações eternas. O racismo colonial teria servido como ferramenta de dominação para legitimar a dinastia e a comunidade nacional, uma vez que ao colonizador era dado um princípio de superioridade inata. "Na verdade, os sonhos do racismo têm origens nas ideologias de classe, mais do que nas da nação: sobretudo nas pretensões de divindade por parte dos governantes e nas de sangue 'azul' ou 'branco' e 'pureza de castas' por parte dos aristocratas" (Anderson, 2005: 202). Nelson Mandela aparece como o signo capaz de quebrar o discurso racista, ao promover uma ruptura simbólica que obriga a reconstrução narrativa do negro na África do Sul.

O intertítulo "O poder da lenda" fala dele como o homem de 71 anos e 27 na prisão que não tem fisionomia atual conhecida (não é fotografado desde que foi preso) pode ter sido responsável até pela subida da bolsa de valores (com ao anúncio da libertação) e que tem "a convicção de boa parte dos sul-africanos de que Mandela é a figura-chave para o sucesso das mudanças políticas no país".(pág. 39) "... Mandela parece ser o único homem capaz de cobrir o imenso fosso que se abriu entre negros e brancos, esquerda e direita. Descobrir como será feita a ponte para superar esse fosso é a tarefa de Mandela". (pág. 40)

O texto deixa claro o papel de Mandela como exceção, ser único. E encerra: "Salvador para alguns, demônio para outros, Nelson Mandela deixará a prisão de Verster com sua cotação elevada. Mas as difíceis negociações com o governo sul-africano mostrarão até onde vai seu fôlego político". (pág. 41). É importante destacarmos aqui também o papel de coadjuvante que Winnie agora recebe, sendo citada apenas uma vez: "No meio da festa, a mulher de Mandela, Winnie, fez questão de lembrar que os negros ainda não estão satisfeitos de todo e que a luta pela derrocada total do apartheid continuará". (pág 39). Antes detentora do foco, a "mãe da nação" se transforma em "mulher de Mandela".

Mandela é libertado e surge grandioso na edição 1118, de 21 de fevereiro de 1990. "A cor da esperança – Com Mandela livre, brancos e negros se preparam para negociar o fim do apartheid no país". Aqui Mandela se torna de vez herói e figura histórica.

Raramente, a teoria liberal da História, segundo a qual os 'grandes homens' podem mudar decisivamente o curso dos acontecimentos, passou por um teste tão intensivo quanto na tarde do último dia 11, quando um cavalheiro de cabelos grisalhos e aparência distinta, terno cinza com calças irrepreensivelmente vincadas e andar lento, cruzou o portão da prisão-fazenda de Victor Verster, perto da cidade do cabo, África do Sul. Foi

um daqueles momentos excepcionais em que a História e um grande homem se encontram – e fica todo mundo olhando para ver o que acontece. (pág. 52).

À abertura da matéria, segue-se o texto que busca ressaltar a importância de Nelson Mandela e representá-lo como o homem que possivelmente trará o fim do racismo.

É esse homem de 71 anos – advogado e ex-lutador de boxe amador que quebrou pedras e estudou História e Economia em quase três décadas de cadeia, onde terminou sendo chamado de Senhor Mandela – que os negros vêem o elemento aglutinador de suas forças divididas por rachas ideológicas e rivalidades tribais, enquanto os brancos, sensíveis ao argumento de que é melhor negociar já para não perder tudo mais tarde, esperam que ele se conduza como moderador de um conflito até seis meses atrás aparentemente insolúvel. (pág 52).

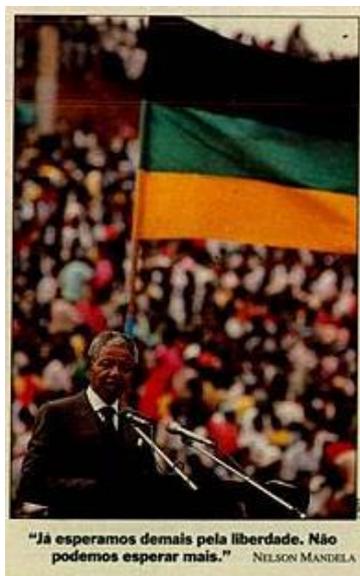
Mandela aparece preenchendo um espaço que, segundo Joseph Campbell (2000), estaria vago na sociedade contemporânea: um mito de herói.

As cerimônias tribais de nascimento, iniciação, funeral, instalação, etc, servem para traduzir as crises e ações das vidas do indivíduo em formas clássicas e impessoais. Elas mostram o indivíduo a si mesmo, não como essa ou aquela personalidade, mas como o guerreiro, a noiva, a viúva, o sacerdote, o chefe; ao mesmo tempo, rerepresentam, diante dos demais membros da comunidade, a velha lição dos estágios arquetípicos. Todos participam do cerimonial de acordo com sua posição e função. A sociedade inteira se torna visível a si mesma como unidade viva imperecível. (Campbell, 2000: 368).

A festa para sua libertação atuaria como as antigas cerimônias de retorno do herói, que ressurgem para proteger seu povo. A foto que ilustra a reportagem mostra Mandela discursando em um estádio lotado em Soweto. Vestido com terno, grisalho, expressão pacífica. Atrás dele, a bandeira da África do Sul, na clara representação do homem por toda a nação. Mandela é representado não apenas como o símbolo da África do Sul, mas de todo o continente africano e mais ainda, de todos os negros<sup>4</sup>. Torna-se, para citar uma vez mais Anderson (2005), uma figura representativa que, graças à imprensa, torna-se para toda a humanidade um exemplo de onde pode-se tirar ensinamentos.

---

<sup>4</sup> Luís Cunha, ao discutir o mito do herói nacional, aponta duas condições imprescindíveis para sua constituição: valores positivos, de ordem moral (como coragem, bondade e justiça) somados a uma ação política de dimensão nacional. "O *herói nacional* será então aquela personagem a que, num determinado momento histórico e de forma significativamente abrangente do ponto de vista social, se lhe atribua a promoção de uma *causa nacional*, feita através de uma ação concreta eficaz e da participação num conjunto de virtudes que transcendem o homem comum" (Cunha, 1996: 04).



O papel de Winnie – antes significante importante para a significação de Nelson Mandela - é claramente relegado a coadjuvante na edição seguinte, de 28 de fevereiro de 1990, quando aparece em uma pequena nota, ao pé da página Notas Internacionais, com o título “De ativista a dona de casa”.

Durante os 27 anos em que Nelson Mandela permaneceu trancafiado em prisões da África do Sul, sua mulher, Winnie, foi sua porta-voz e tentou substituí-lo como líder do movimento negro contra o regime de segregação racial. Agora, com Mandela em liberdade, Winnie, aos 55 anos, está aprendendo a ser dona de casa novamente. (pág. 53).

Interessante perceber a representação machista que se constrói, como se Winnie só lutasse pelos direitos dos negros porque o marido estava longe. Dá-se a impressão de que uma vez Nelson libertado, cabe a Winnie apenas assumir seu papel de esposa e deixar os assuntos políticos para o “homem da casa”<sup>5</sup>.

A representação de Mandela começa a se transformar em 18 de abril de 1990, na edição 1126. “Mandela cai na real – Dois meses depois de sair da cadeia, líder negro tropeça nos limites de sua influência”.

Nelson Mandela, o mito, fez um apelo, pouco depois de sua libertação, em fevereiro, para que governos estrangeiros rompessem relações com a África do Sul e intensificasse

<sup>5</sup> A recusa da mulher na cena política não é uma novidade, muito pelo contrário. A concepção machista da sociedade liderada pelos homens relegou à mulher um papel coadjuvante – quando não invisível – nas narrativas históricas. Foi apenas com o trabalho de historiadoras feministas, como Michelle Perrot, que houve uma revisão da memória das mulheres na sociedade: “Decididas a mudar esse quadro, no empenho em recuperar o tempo perdido, as historiadoras tomaram consciência das dificuldades no acesso ao conhecimento da participação das mulheres nas diferentes esferas da sociedade, já que sua presença nos arquivos públicos mostra-se extremamente reduzida. Destinadas à esfera privada, por longo tempo, elas estiveram ausentes das atividades consideradas dignas de serem registradas para o conhecimento das futuras gerações” (Facina; Soihet, 2000: 09).

as sanções contra o regime racista. Ninguém o atendeu (...) Nelson Mandela, o homem, parece ter aprendido a lição: fora da cadeia, o mais importante líder negro sul-africano, herói da luta contra o apartheid transformado numa lenda viva durante os 27 anos e meio que passou atrás das grades, enfrenta limitações e comete erros como todo político em qualquer parte do mundo. (pág. 38).

A matéria separa o mito do homem, e já não o chama de personalidade histórica e líder político mais importante do mundo, agora é “o mais importante líder negro sul-africano”. Torna-se localizado em um local específico, apesar de ainda ser chamado de herói. A matéria encerra mostrando que é apenas um homem: “A História da África está coberta por rios de sangue provocados por rivalidades que nem dentro nem fora da cadeia Mandela, sozinho, poderia resolver” (pág. 38). A imagem que ilustra a matéria é menos glamourizada, Mandela usa um auto-falante, auxiliado por outra pessoa. A idéia de que sozinho pode resolver os problemas se perde também na imagem, pois precisa do alto-falante e de outra pessoa também para ajudá-lo. A legenda deixa isso claro: “Mandela em ação: fim do mito”.



Stuart Hall atenta para que pessoas que são significativamente diferentes da maioria, são representadas de maneira ambígua, possuindo mais de um significado. Apesar da representação buscar fixar um significado privilegiado entre os vários potenciais, ele é flutuante e todas as suas formas aparecem como plausíveis. A

representação de Nelson Mandela nesta edição acaba por revelar esse sentido que não consegue se fixar, pois apesar da clara escolha de sentido pelo homem, Mandela acaba sendo significado de maneiras diferentes, em função de suas próprias características pessoais e trajetória de vida.

Afinal, Nelson Mandela possui uma série de significados binários: mito/homem, terrorista/salvador, preso/advogado. E isso acaba por interferir em sua representação da revista. A dificuldade em dar um sentido ao líder sul-africano passa por esses significados flutuantes que vão se transformar de edição para edição.

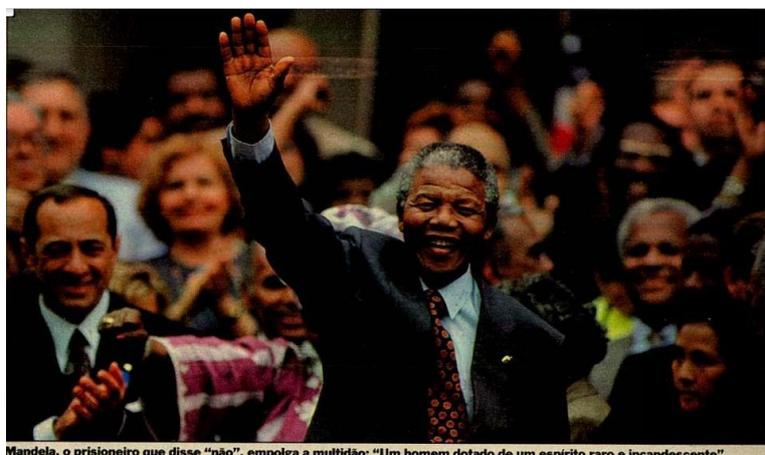
O Mandela herói retorna na revista de 27 de junho de 1990. "Um rei em Nova York – Mandela vai aos Estados Unidos pedir que continuem as sanções contra a África do Sul e é recebido com apoteose reservada aos heróis".

Nelson Mandela ficou na prisão 27 anos e por quase uma década recusou-se a negociar sua liberdade. Quando saiu, em fevereiro passado, era um gigante moral diante de um regime racista em frangalhos. É possível que a História venha a acabar, mas Nelson Mandela mostrou em Nova York que ainda há lugar no mundo para uma pessoa capaz de jogar sua vida pela idéia de que os homens são iguais (pág. 38).

A matéria chama atenção para o discurso do prefeito de Nova York, David Dinks, que chamou Mandela de "um Moisés dos tempos modernos, tirando o povo sul-africano da escravidão dos faraós através de uma caminhada pelo deserto da privação" (pág. 39). A comparação com Moisés reforça a representação mítica e seu caráter de figura histórica. Aqui, retornamos ao mito e ao herói, sendo o homem eclipsado pela própria áurea.

A matéria tenta colocar um perfil de Mandela como figura à moda antiga. "Pelos catálogos de novidades políticas, Mandela toca um realejo velho, incapaz de juntar dez pessoas. Fala em 'acabar com as desigualdades' e diz que foi solto 'pela luta das massas'. Toma posições que qualquer estrategista político chamaria de suicidas" (pág 39).

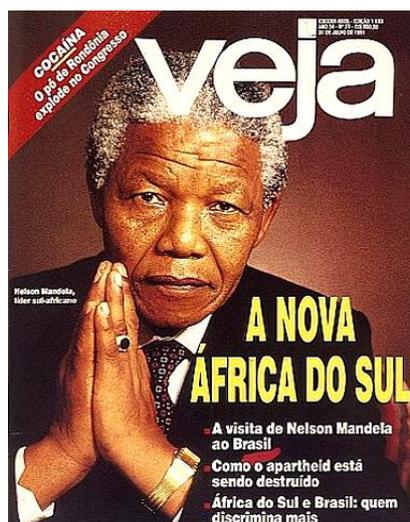
A reportagem encerra colocando-o definitivamente ao lado das grandes figuras históricas: "A cadeia não o emendou, talvez esse seja o seu segredo. Tanta gente com tantas idéias, Dick Trace em cartaz, um novo espagete nos supermercados, um novo presidente no Chase e 400.000 pessoas vão para o Desfiladeiro dos Heróis gritar 'Amandla' (poder, em zulu) para aquele senhor grisalho de uma idéia só. Nelson Mandela provou que até a semana passada a História não tinha acabado" (pág. 40). Na foto de Mandela que ilustra a matéria, ele está no centro da imagem, em foco, aplaudido por figuras desfocadas. É o ser especial, que se destaca entre os comuns.



Mandela, o prisioneiro que disse “não”, empolga a multidão: “Um homem dotado de um espírito raro e incandescente”

Winnie Mandela volta ao foco na edição 1183 de 22 de maio de 1991. O título “Cai uma estrela – Winnie pega seis anos, mas se livra da cadeia” conta que ela foi condenada por seqüestro e cumplicidade com espancadores de jovens negros suspeitos de serem informantes da polícia branca. Os rapazes teriam sido torturados na casa de Winnie, e um deles, de 14 anos, apareceu degolado cinco dias depois. Winnie não foi para a cadeia apesar da condenação. “E agora, deixar Winnie Mandela passar seis anos no mesmo lugar onde seu marido passou 27 – atrás das grades – poderia ser igual a jogar uma bomba numa casa que acaba de ficar em pé” (pág. 30). As acusações não fazem referência a Nelson Mandela, dando todo o foco em sua esposa. Neste momento, Winnie não surge mais para significar o marido, cuja representação como herói parece intocável e inabalável.

E chegamos à primeira capa destinada a Mandela, na edição 1193 de 31 de julho de 1991.



“O parto de uma nação – Ao entrar na era pós-apartheid, a África do Sul enfrenta a tarefa de fabricar um país com os diferentes povos que a integram”.

Para colocar de maneira mais vulgar, ainda que menos apropriada a um país que tanto acreditou na ciência das raças, um é preto e outro branco. Um chama-se Nelson Mandela, tem 73 anos e é o último herói de uma espécie em extinção – a dos libertadores de povos. O outro chama-se F.W. de Klerk, tem 55 anos e, na presidência de seu país, comanda uma reviravolta tão grande, sob o ponto de vista político, social e filosófico, quanto Mikhail Gorbachev na União Soviética. De origem, formação e princípios opostos, os dois estão unidos pela História num dos processos mais interessantes atualmente em curso no mundo – o desmantelamento do apartheid (pág. 40).

A personificação do movimento anti-racismo em Nelson Mandela fica clara na continuação da reportagem:

Mandela, desde que foi libertado, em fevereiro de 1990, depois de 27 anos de cadeia, deu um rosto ao movimento dos negros sul-africanos, assumiu o papel de interlocutor junto aos grandes do mundo e ganhou respeito universal por sua firmeza e serenidade. Em tudo e por tudo, além de adversários políticos, Mandela e De Klerk são o contrário um do outro. No entanto, estão condenados à parceria num processo que, se der certo, no fim da linha dará origem a uma nação – coisa que, até agora, a África do Sul não conseguiu ser (pág. 40).

A matéria apresenta um box nomeado “São Nelson Mandela – Seu segredo é que ele venceu o martírio”, que é ilustrado por uma foto de Mandela sorrindo ao lado de George Bush, presidente dos EUA. O texto trata de reafirmar sua importância enquanto personalidade mundial.

Durante 27 anos e seis meses, a partir do dia em que foi trancafiado na prisão, o 5 de agosto de 1962, Nelson Mandela foi um homem sem rosto. Só a pouquíssimas pessoas foi dado vê-lo, e os retratos que se agitavam ao redor do mundo, nas manifestações a seu favor, eram antigos. Hoje, junto com o papa João Paulo II, os presidentes George Bush e Mikhail Gorbachev e provavelmente mais ninguém, Mandela tem o rosto mais conhecido do mundo. Muito mais impressionante do que o rosto, no entanto, o que impressiona neste Mandela que chega ao Brasil nesta quinta-feira – e que, como em vários outros países será recebido como o herói que é e o chefe de estado que não é – é o que está por trás do rosto. Procure-se bem. Contemple-se seu passado e seu presente. O que está escrito atrás do rosto de Nelson Mandela é que esse homem é um santo (pág. 44).

Aqui mais uma vez temos sua representação recheada de significados diversos. Mandela é herói, político e também santo. Uma figura admirável em todos os sentidos. Roman Jakobson (1985) explica que o desenvolvimento de um discurso pode ocorrer segundo duas linhas semânticas diferentes. Um tema pode levar a outro por similaridade ou contigüidade. O processo metafórico estaria presente no primeiro caso, enquanto que o processo metonímico no segundo. Esses dois elementos interagem de maneira marcante na linguagem. Segundo Jakobson, as construções metafóricas predominam nas canções líricas, enquanto que o processo metonímico é preponderante nas epopéias heróicas. "Seguindo a linha das relações de contigüidade, o autor realista realiza digressões metonímicas, indo da intriga à atmosfera e das personagens ao quadro espaço-temporal" (Jakobson, 1985: 57). Nos exemplos citados, a parte indica o todo através dessas figuras facilmente reconhecíveis que, por contigüidade, fazem referência ao seu contexto e valorizam Nelson Mandela como figura única.

Podia até acontecer, ao se abrirem as portas da prisão, que se chegasse à conclusão de que Mandela, ou pelo menos aquele Mandela que se imaginava, não existia mais, assim como não existiu o dom Sebastião pelo qual os portugueses ficaram esperando tanto tempo, desde que se perdeu na batalha de Alcácer Quibir – por coincidência, na África. O que ocorreu, no entanto, foi o contrário. O Mandela que saiu da prisão era muito melhor do que se pensava. Tão melhor que conquistou o mundo num primeiro olhar e transformou-se em unanimidade. 'O que impressiona nele é a ausência de ressentimento', diz o vice-ministro do Exterior sul-africano, Leon Wessels (pág. 44).

Conforme explica Cristina Buarque de Hollanda, a "ausência de ressentimento" citada não é uma característica inerente à personalidade de Nelson Mandela, como sua representação heróica faz parecer. Trata-se de uma manobra política necessária para a transição que levaria às transformações na África do Sul.

A idéia forte de unidade da nação sul-africana, em contraponto com a retórica radicalmente divisionista do Apartheid, previa justamente um paradigma inclusivo, comprometido com garantias ao novo lugar político e social dos brancos. Nesta perspectiva integracionista, o olhar para o passado não poderia pautar-se numa lógica dura de reciprocidade com relação aos antigos violadores de direitos. A aplicação do modelo retributivo de Nuremberg, além de incompatível com a filosofia política de Nelson Mandela e Desmond Tutu, comprometeria o processo de paz negociada e introduziria uma tensão indesejada no frágil percurso da democracia no país. (Hollanda, 2008: 02)

Anderson também aponta o importante papel do esquecimento nos momentos de transformações políticas e sociais. "Todas as mudanças profundas de consciência, pela sua própria natureza, trazem consigo

amnésias características. Desses esquecimentos, em circunstâncias históricas específicas, nascem narrativas” (Anderson, 2005: 266). Uma destas narrativas é construída pela reportagem, que busca ignorar os meandros políticos da atitude de Mandela, em uma clara opção por uma bondade “natural” que o habita, como um verdadeiro santo.

Em total contraposição com a representação de Nelson Mandela, a revista traz na edição 1231, de 22 de abril de 1992, Winnie como vilã. “Queda final – Winnie se separa e pode ser presa”.

Poucas vezes um mito desmoronou tão completamente como o que envolvia Winnie Mandela. Até o ano passado, ela era uma lenda viva, símbolo da resistência ao racismo na África do Sul. Condenada pelo seqüestro de quatro adolescentes negros, um dos quais foi assassinado, Winnie continuou a ser aplaudida em suas viagens pelo mundo, embora já sem o mesmo entusiasmo. Na semana passada, fulminada em cheio por acusações bem mais pesadas que as anteriores, ela era uma mulher que perdeu tudo - o marido, o poder, e quase certamente, a liberdade. Nelson Mandela anunciou a separação, depois de 33 anos de casamento, quando o escândalo já ameaçava atrapalhar as negociações com o governo branco para o fim do apartheid (pág. 35).

A matéria fala sobre uma testemunha que viu Winnie Mandela torturar os jovens. “Se Nelson Mandela ceder à pressões de seus companheiros do CNA, que nunca engoliram o estilo arrogante de Winnie, ela poderá perder até mesmo o sobrenome ilustre. Voltará ao nome de solteira, Winnie Madikizela” (pág. 35). A “Mama África” se transforma em arrogante e torturadora. Sua história de amor, antes dramaticamente representada pela revista, se desfaz e, por fim, Winnie perde o que seria seu diferencial, o nome Mandela. Aqui fica claro a representação dela como mulher comum que só se tornou especial graças ao Mandela agregado ao nome. Winnie torna-se alguém que não possui brilho separada de Nelson Mandela.

Ele, por sua vez, continua como a personificação do fim dos conflitos na África, acirrados com o anúncio das eleições livres, na edição 1296, de 14 de julho de 1993, “Turbulência na transição – A violência explode no país do apartheid com a convocação das primeiras eleições em que os negros votarão” (pág. 38). A matéria trata do caos social criado pelos conflitos que antecede a eleição para presidente da África do Sul e Nelson Mandela aparece como a figura que, simbolicamente carregada de toda a história de opressão racial, pode conter a violência.

Hall chama de intertextualidade a acumulação de significados onde uma imagem faz referência à outra e tem seu significado alterado por ser lida no contexto de outras imagens. O verdadeiro sentido dependeria, então, de uma leitura da imagem em relação a outras. A posição espacial das imagens que ilustram a matéria que trata dos conflitos entre brancos e negros às vésperas das eleições demonstram o papel

decisivo de Mandela para acabar com o “banho de sangue”. Em contraposição à foto sangrenta no alto da página, a imagem serena do líder abaixo.



**Assassinato em Tokoloshe: 150 mortos em uma semana**

**ÁFRICA DO SUL**  
**Turbulência na transição**  
*A violência explode no país do apartheid com a convocação das primeiras eleições em que os negros votarão*

**F**oi o maior assassinato na África do Sul desde a libertação do líder negro Nelson Mandela. Na semana de 2 de julho, representantes dos 26 partidos que marcam a política do país prepararam para 27 de abril de 1994 a primeira eleição multirracial sul-africana. Entretanto, não houve o voto por conta de incidentes que ocorreram em cada uma das regiões. As primeiras eleições gerais no país do apartheid não aconteceram fora do nome o momento de emergência social que se seguiu imediatamente à morte de um dos membros da oposição da direita branca. O país não conseguiu a decisão jurídica. Como resultado de regras aplicadas e interpretadas em um sistema de justiça, pelo menos 150 pessoas foram mortas. A morte de um dos membros da oposição levou a convocação do Congresso Nacional Africano, CNA, a organização negra liderada por Nelson Mandela, dos dois lados, a apresentar um plano que sob o comando do líder sul-africano Mandela.

Em Tokoloshe e Kallaburg, dois pontos negros na região de Johannesburg, centenas de desarmados amonestaram-se ao mesmo tempo local em busca de proteção. “Vi tanta gente morta que achei que fosse um banho de sangue”, contou Thabane Mokoena, um jovem negro que assistira ao crime em um momento de violência.

O CNA declarou-se desde meados dos anos 80, uma guerra tribal que já deturpou o nome dele. O motivo encontrado na semana passada é apenas um dos exemplos. Enquanto o CNA de Mandela favorecia a convocação de eleições, o Inkatha retirava-se da mesa de negociações da Godes, sigla da Convenção para a Democracia na África do Sul. “Antes de morrer a filha, a praticante sul-africana precisa de uma nova Constituição”, argumentou Thabane a Cooda, um pronunciamento. A violência só arrefeceu no final da semana, quando milhares de jovens líderes amonestaram produtores locais a comparecerem para votar e certificar.

“Zona de risco” — Cabul se que 22 milhões de dólares são os votos no ano que vem para escolher uma legislatura bicameral. O novo Parlamento se reúne em dezembro de 1994. O novo sistema de voto é o sistema de voto único.

**Mandela campanha nos EUA**

VEJA, 14 DE JULHO, 1993

de lá que regressa à África do Sul polêmica. O partido que eleger o maior número de parlamentares apontará o novo presidente, que sucederá ao herói Frelimo de Klerk, enquanto do desmembramento do regime de segregação racial. Nelson Mandela é o candidato natural, com sua aura de mártir e estatus político que ultrapassou os limites de seu país. Além disso, o CNA é inspirador. Enquanto isso, o processo de transição parece acelerado. Biko, acredita que a mudança da semana passada não se repetirá seja qual for o resultado das eleições, ainda assim acredita que a mudança seja definitiva. Mandela conseguiu formar um governo consensual. Ele tentou de formar um governo de transição, com líderes de todas as facções que participaram das negociações para a família do poder. O maior problema virou na hora de religar a Carta. A maioria branca, 19% da população, faz o que pode para assegurar sua voz na Constituição final. Os grupos negros, suspensos com razão de que a Constituição seria a favor que os brancos lutaram para manter o poder de voto na nova África do Sul. “Estamos entrando na zona de maior risco do processo de transição”, declarou na semana passada a cientista social Lawrence Schlemmer. “Isso turbulência é inevitável.”

Em campanha eleitoral que começará aberta. Na semana passada, Nelson Mandela e De Klerk estiveram juntos nos Estados Unidos. Foram considerados políticos africanos dignos de políticos americanos. Esperavam que, em um eleições marcadas, Nelson Mandela apresentasse o desafio para poder o fim das regras institucionais que ameaçam desestabilizar a economia sul-africana. O líder negro, contudo, decidiu esperar mais um pouco. De acordo, recebeu no sábado de 1993 a ser inaugurado ao lado de Bill Clinton e De Klerk, que chamaram a atenção para a África, que chamaram a atenção para a África.

Porém, a liderança preferiu aparecer num jantar com cinquenta de 25 executivos americanos influentes, todos negros, para a primeira rodada de campanha do CNA. “Essa lista é de negócios”, declarou. Os resultados foram bons. Num único evento de campanha passada, o CNA conseguiu arrecadar 500.000 dólares. A expectativa é levantar 10 milhões de dólares até abril do ano que vem.

Sua capacidade de colocar fim aos conflitos e ratificada na edição de 20 de outubro de 1993, na matéria é dedicada ao prêmio Nobel da Paz que Mandela e o presidente De Klerk ganharam. “A estranha dupla – Acordo para pôr fim ao racismo na África do Sul rende o prêmio da Paz a Mandela e De Klerk”. Os dois aparecem de mãos dadas e sorrindo, com a legenda “O cacique branco e o líder negro: muitas mudanças no caminho do entendimento”. Ao lado um quadro dividido em preto e branco com o título “Vidas paralelas” coloca lado a lado a trajetória dos dois. A matéria chama atenção para Mandela liderar as pesquisas para presidente. Mais uma vez se dá uma representação por opostos, valorizando Mandela na comparação com o presidente.

**NOBEL**

## A estranha dupla

*Acordo para pôr fim ao racismo na África do Sul rende o prêmio da Paz a Mandela e De Klerk*

O caxiote branco e o líder negro: muita mudança no caminho do entendimento racial, em 1990, dando o primeiro passo para pôr fim ao apartheid na África do Sul (veja quadro à página 10). A realidade das transformações políticas, mas também a mais difícil das mudanças — a das convicções pessoais — acabou aproximando esse estranho casal, o ex-torturador e o ex-negro.

“É o arcebispo perfeito na luta para demolir o apartheid que dois representantes

**Vidas paralelas**  
A convergência entre os líderes de tribos antagonistas

DE KLERK	MANDELA
1936. Nascido em Johannesburg, herdeiro de uma dinastia de políticos africanos.	1918. Nascido numa família de fazendeiros, filho de um chefe tribal de etnia xhosa que já havia aderido a 19.
1948. O Partido Nacional, ao qual pertenceu seu pai, chega ao poder e começa a aplicar a política do apartheid.	1944. Estudante numa faculdade para negros e vicia no fumo numa mina de ouro. Insere-se no Congresso Nacional Africano. Esporte favorito: boxe.
1950. Entra para a Faculdade de Direito e para a Juventude Nacionalista, revista está e modula. Esporte favorito: golfe.	1952. Detido como agitador.
1961. Monta seu escritório de advocacia.	1956. Preso. É absolvido quatro anos depois.
1972. Eleito deputado pelo Partido Nacional.	1961. O massacre de manifestantes negros em Sharpeville faz o CNA deixar de ser não-violento. Mandela é um dos fundadores da Lanza da Nação, o braço armado do movimento.
1984. Nomeado ministro da Educação, defende reforço ao ensino e segregação racial nas escolas.	1962. Vivendo na clandestinidade, é preso novamente.
1987. Aos poucos, veste o figurino de liberal. Num debate com um dos caxiotes da linha dura, avoca a minoria branca e ganha com as críticas de obovato e não com as críticas de sangue.	1964. No julgamento, afirma aos juízes: “Sem liberdade, o povo negro da África do Sul não terá a soberania branca”. Condenado a prisão perpétua para os ocultos anos seguintes.
1989. Tira vantagem da má saúde do presidente P.W. Botha para tomar seu lugar no comando do partido, que adota uma plataforma de reformas legais, graduais e seguras. Vitorioso nas urnas, assume a presidência.	1964. Já transferido para a prisão de Robben Island, começa a escrever poemas e a cantar. “Se os homens livres podem respirar”.
1990. No governo, usa com força no acelerador das mudanças: “Hoje não há mais África do Sul totalmente nova, livre da opressão e da discriminação”. O governo repele o apartheid, liberta Mandela e inicia o diálogo com o CNA.	1987. Começa o maior escândalo secreto com o governo branco.
1991. Revoga as últimas leis racistas, mas não suas convicções pessoais: ao saber que o filho, Winnie, tem uma namorada mulata, faz de tudo para matar o romance, chegando até a desafiá-lo e ir para a prisão na legislatura. O namoro não resiste à prisão e Winnie se casa com uma branca.	1989. É levado para Tóquio, onde se encontra com o presidente Bush.
1992. Submete suas reformas a um referendo só para brancos e ganha disparado: 70% votam pelo “sim”.	1990. Libertado, em fevereiro, o CNA renuncia à violência e o diálogo com o governo.
	1991. Acusado no mesmo íterito como em 1964, assiste a par com o governo.
	1992. Divorcia-se da mulher, Winnie, processada pela morte de um ativista negro.
	1993. Marcada a data para a primeira eleição em que o voto dos brancos e o dos negros terão o mesmo valor — 27 de abril de 1994.

No ano seguinte, Nelson Mandela recebe sua segunda capa “O Nascimento de uma Nação” na edição 1338 de 4 de maio de 1994, quando é eleito presidente.

**veja**

ÁFRICA DO SUL

## O NASCIMENTO DE UMA NAÇÃO

Nelson Mandela

CRACK As pedras do pó

9 770100 712604

Retornando à Barthes e o duplo sentido nas imagens, Mandela não é aqui apenas um presidente eleito, mas também a nova nação que nasce na África do Sul. O significado privilegiado é estabelecido não apenas pela manchete, mas também nas vestimentas típicas de tribos africanas que Mandela está usando. O fim do poder branco aparece na figura deste homem mítico utilizando roupas que fazem referência ao passado de seu povo. A manchete faz uma referência – intencional ou não – ao filme de D.W. Griffith, “O Nascimento de uma Nação”, famoso como obra racista que fomentou o ressurgimento da Ku Klux Klan nos Estados Unidos (Xavier, 2008: 09). Mandela representa a nova nação sem ódio racial, diferente daquela apresentada por Griffith. Mandela em trajes típicos é claramente o que Barthes chama de mito, um objeto revestido de valores que vão para além de suas características próprias. Ele deixa de ser um político e a roupa deixa de ser uma simples vestimenta. Toda a nação é significada por esta imagem, que retira de Nelson Mandela sua dimensão humana, transformando-o em algo além do ser ordinário.

A representação do presidente aqui se volta para o símbolo do país. Não há na imagem nada que o remeta à sua profissão ou luta. É um homem representando uma nação.



O título da matéria “Nada será como antes” já dá a dimensão histórica do acontecimento. O subtítulo é “Numa eleição histórica, pacífica e alegre, negros e brancos criam uma nova África do Sul e confiam a Nelson Mandela, durante 27 anos o prisioneiro mais famoso do mundo, a missão de construir o futuro”. A

reportagem de capa é ilustrada com a foto de um sorridente Mandela comemorando a vitória com o corpo para fora de um carro.

Ele é um homem de 75 anos, uma figura venerável, com a cabeleira quase toda branca. Vai votar pela primeira vez na vida. Suas primeiras palavras na boca de urna: 'Hoje é um dia como nunca houve antes na vida. Este dia marca o alvorecer de nossa liberdade'. Ele já foi o prisioneiro número 466/64, julgado e condenado à prisão perpétua por traição, sabotagem e conspiração para derrubar o governo... Nelson Rolihlahla Mandela, do clã Madiba (nome pelo qual é chamado na intimidade), da tribo tembu, do povo xhosa, o preso político, o terrorista, o cafre abominado pela minoria branca, que durante três séculos e meio colonizou, mandou e desmandou na África do Sul, já fala como presidente de toda a nação, o presidente de todos eles, dos 'camaradas negros' e dos 'compatriotas brancos' (pág. 39).

A eleição de Nelson Mandela é um acontecimento de grande repercussão. Entretanto, seu caráter de algo inesquecível só pode ser observado, obviamente, após certo tempo, com a distância necessária para configurá-lo como objeto da memória. Maurice Halbwachs, ao defender que não é o indivíduo em si e nem nenhuma entidade social que se recorda, mas que ninguém pode se lembrar efetivamente senão da sociedade, pela presença ou a evocação dos outros ou de suas obras, acaba por situar a rememoração pessoal entrecruzilhada na trama da existência social. A lembrança surge então como ponto de referência que permite nos situar em meio à variação contínua dos quadros sociais e da experiência coletiva histórica. As imagens da memória encontram-se na sociedade, onde estão as indicações necessárias para reconstruirmos parte do nosso passado.

A eleição ganha força histórica mais pelos recursos narrativos utilizados na reportagem que a coloca como parte de uma grande experiência coletiva do que por sua força como acontecimento em si. O texto segue nesta construção de valorização de um fato memorável e de seu personagem principal.

Vestido com uma camisa de mangas compridas, uma das mais discretas de seu guarda-roupas populista, e com um discurso mil vezes repetido, Nelson Mandela era a encarnação da 'nova África do Sul', a expressão mais usada no país, ao votar no começo da manhã de quarta-feira. Nada poderia diminuir a dimensão histórica do momento. Não se assistia apenas ao enterro oficial do apartheid – o regime racista que só tem comparação, neste século, com o nazismo alemão –, mas ao fim da última oligarquia racial do mundo (pág. 39).

A matéria traça um perfil de Mandela, dos estudos, a prisão até a eleição e busca explicar como vai se dar a transição política. Por fim, trata de encerrar ao dar mais uma vez a atenção para as qualidades do novo

presidente: “Mandela tem a estrutura, a dignidade e o apelo que o capacitam a desempenhar um crucial papel unificador nesse período difícil”, diz o professor Welsh. Caso corresponda às expectativas mínimas, vai merecer mais do que nunca a saudação popular: Viva Mandela! Assim mesmo, em português” (pág. 45).

James Wertsch (2002) chama atenção para como recursos discursivos constroem personagens históricos e buscam servir de fonte para a memória: “In the approach I shall be taking, memory typically involves a complex mix of meeting the needs of accurate representation and providing a usable past” (Wertsch, 2002: 31). O que se percebe neste momento é a reposição de memórias, em que a narrativa sobre a liberdade negra substitui a até então oficial memória dos brancos como naturalmente superiores. As reportagens sobre Nelson Mandela vem claramente trazer novas narrativas<sup>6</sup> para a comunidade se beneficiar com um novo tipo de memória.

#### **2.4. A madrasta**

A edição de 27 de março de 1996, continua a desmistificação de Winnie Mandela, agora acusada de adultério. Com o título “Mandela versus Mandela”, a revista deixa mais uma vez claro o lado para o qual o leitor deve torcer. Nelson Mandela aparece como pessoa compreensiva, sem raiva da esposa, valorizando ainda mais sua dimensão heróica em contraposição a ela. “Como que desculpando Winnie pela desintegração do casamento, Mandela escreveu: ‘Ela casou-se com um homem que pouco depois a deixou sozinha; esse homem tornou-se um mito; e o mito regressou, demonstrando, afinal, ser apenas um homem’” (pág. 43).

Na edição de 03 de dezembro de 1997, Winnie Mandela assume a representação total de vilã. “Alma de Madrasta - Winnie Mandela, a ex-Mãe África, fica cara a cara com os que a acusam de desmandos e mortes”.

Nos anos sombrios do apartheid, a sofrida população negra da África do Sul cultivou um herói: Nelson Mandela, o líder rebelde que da sua cela de prisão, isolado por 27 anos, comandou e conquistou respeito para a resistência ao regime de discriminação oficial comandado pela minoria branca no país. No alto do pedestal, ao lado do super-Mandela, pontificava sua esposa e porta-voz, Winnie, mulherão capaz de suportar todo tipo de abuso e constrangimento em nome do marido e da causa. Mandela saiu da prisão, negociou a transição, virou presidente da África do Sul e consolidou sua condição de ídolo. Winnie trilhou caminho inverso: a certa altura, aparentemente deslumbrada com o poder do seu sobrenome e da sua própria reputação, transformou-se de Mama África em madrasta perversa, daquelas de contos de fadas, cometendo desmandos a torto e a

<sup>6</sup> Segundo Wertsch, os textos culturais atuam ativamente na reconstrução de um passado público: “the cultural tools that lie behind imagined communities are typically employed in order to create a collective that can be clearly recognized” (Wertsch, 2002: 64).

direito. Agora divorciada do marido poderoso e cercada de adversários, ela passou toda a última semana num salão de calor sufocante, impassível em suas roupas espalhafatosas, salto alto, muitas jóias e óculos Chanel, sendo acusada, cara a cara, de assassinatos, espancamentos e torturas (pág. 50)

O texto claramente a dissocia de Nelson para transformá-la em vilã, e o uso da palavra "madrasta" já remete aos contos de fada. A descrição da roupa espalhafatosa também retira a aura de herói.



O paralelo com Mandela a torna pior enquanto o torna melhor. A comparação serve para os dois sistemas de representação: fortalecer a imagem dele como figura especial e a dela como vilã, utilizando uma imagem apreensiva com os olhos vermelhos e brinco e anéis demonstrando uma riqueza que não condiz com o ideal revolucionário: se antes o casal era significativamente ligado, agora são representados por oposição.

Nelson Mandela continua um ser especial na edição de 19 de maio de 1999, que trata da sua sucessão. Com o título "A vida após Mandela – Na hora de substituir o ídolo, a dura realidade do desemprego e da violência", a matéria deixa clara a sua condição de exceção e insubstituível figura.

Imagine um líder político admirado universalmente. Um homem íntegro, magnânimo, corajoso, capaz de conduzir uma das mais complicadas mudanças de regime da História moderna. Um estadista que transpôs as barreiras do ódio, do medo e da desconfiança. Aclamado como libertador de seu povo, ele chega aos 80 anos como derradeira unanimidade mundial, merecedor do raro, hoje quase impossível, título de herói. Esse

homem existe e se chama Nelson Mandela, presidente da África do Sul. Agora imagine encontrar um substituto à altura para um gigante de tal envergadura (pág 41).

Para finalizar, Mandela surge em uma edição especial de 22 de dezembro de 1999, em que coloca todo o século XX em revista. *Veja* coloca Mandela ao lado de figuras como Gandhi e Churchill, assumindo de vez sua representação como homem histórico e inesquecível. "E Nelson Mandela, o vencedor do apartheid social na África do Sul, personificou o ideal da sociedade sem discriminações e com dignidade, valores impossíveis enquanto a população branca mandou no país" (pág. 154). Mandela aparece como alguém que sozinho venceu o apartheid e se tornou símbolo dos direitos humanos, transformado em figura retórica das grandes aspirações de humanidade.

Interessante perceber como houve uma transformação de representações feitas por *Veja* ao longo dos anos (especialmente Winnie Mandela). Isso ocorre porque apesar da revista possuir a capacidade de escolher um sentido preferencial para atribuir aos seus personagens, ela está dentro daquilo que Hall chama de circuito da cultura, aberta aos valores da sociedade e, conseqüentemente, às transformações que Nelson e Winnie enquanto personalidades públicas sofreram através do tempo. *Veja* atribui, sim, sentido, mas este está voltado ao contexto em que se encontra. Ao tentar contar a história de dois líderes que passaram por tantas transformações de significados em suas trajetórias, a revista não consegue escapar de uma representação ambivalente, muitas vezes conflitante.

### 3. Apontamentos finais

Segundo Hall, a representação conecta significado e linguagem em uma cultura, envolvendo usos de signos e imagens. Trata-se da produção de significados dos conceitos em nossas mentes, permitindo que nos liguemos ao mundo "real" de objetos, pessoas e eventos e também ao imaginário e à ficção.

Palavras sons e imagens, mesmo quando exibem semelhança com aquilo a que se referem, continuam sendo signos: carregam significados que precisam ser interpretados. E para interpreta-los devemos ligar nosso mapa conceitual à linguagem que "traduz" a coisa referida. Mas quando a relação entre o signo e seu referente fica menos clara, o significado começa a deslizar, não sendo mais transparente.

Nelson Mandela foi um personagem com forte significado desde as primeiras reportagens, quando Winnie era transformada em significante para significá-lo. Ambos são personalidades repletas de significados, e isso se refletiu nas representações midiáticas a seu respeito, que não apenas refletiam a visão da sociedade sobre eles como também atuavam para o compartilhamento desses significados.

Como somos nós que damos significado às coisas (pela relação que estabelecemos entre conceitos e signos organizados pela linguagem), a representação se forma nesse diálogo entre os discursos produzidos e o

sistema cultural estabelecido à sua volta. Dessa maneira, em um complexo circuito de formas, valores e idéias, significados são fixados e oferecidos para serem compartilhados e apropriados pelos sujeitos.

“Textual resources used in collective memory usually do not take the form of isolated, hermetically sealed units that are either used in unmodified form and in their entirety or not used at all. Instead, they constitute a much more flexible kind of instrument that can be harnessed in combination with others in novel ways” (Wertsch, 2002: 07).

Wertsch aponta os textos culturais (como a revista *Veja*) - locais onde se dão as representações – como local de combinação de discursos que originam uma memória coletiva. Nós, que não conhecemos Nelson e Winnie pessoalmente, temos um sentido associado a estas personagens que passa essencialmente pelas representações veiculadas na mídia, fazendo com que, em nossa memória, Nelson surja mais grandioso que Winnie. Ela sendo representada como uma mulher comum, afeita aos erros e fraquezas humanas. Ele sendo representado como um ser maior que a vida, símbolo de toda uma nação. Ela destinada à lembrança efêmera (como tantas outras mulheres “por trás de um grande homem”). Ele destinado ao inesquecível.

### **Referências bibliográficas**

Anderson, B. (1983/2005) *Comunidades Imaginadas*, Lisboa, Edições 70.

Barthes, R. (1978) *Mitologias*, Rio de Janeiro, DIFEL.

Campbell, J. (2000) *O Herói de Mil Faces*, São Paulo, Cultrix.

Cunha, L. (1996) O herói no seu provir: D. Afonso Henriques entre evocação e imagem, In: *Actas do Congresso Histórico de Guimarães: Afonso Henriques e a sua época*, Guimarães, Câmara Municipal.

Facina, A; Soihet, R. (2000) Gênero e Memória: algumas reflexões. In: *Revista Gênero*, Niterói, Ed. Universidade Federal Fluminense.

Halbwachs, M. (1950/1990) *A Memória Coletiva*, São Paulo, Revista dos Tribunais.

Hall, S. (1997) *Representation: cultural representations and signifying practices*. London; Thousand Oaks, Calif., Sage in association with the Open University.

Hollanda, C. (2008) Violência e trauma na transição política: o caso sul-africano. In: *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, AUPPF.

Jakobson, R. (1985) *Linguística e Comunicação*, São Paulo, Cultrix.

Jenkins, R. (1996) *Social Identity*, London, Routledge.

Mead, G. H. (1934) *Mind, self and society*, Chicago, The University of Chicago Press.

Tajfel, H. (1982). *Social Identity and Intergroup Relations*, Cambridge, Cambridge University Press.

Wertsch, J. (2002) *Voices of Collective Remembering*, Cambridge, Cambridge University Press.

Xavier, I. (2008) De momentos e alegorias políticas: a Babilônia de Griffith e dos Taviani. In: *Comunicação & Informação*, Vol. 11, No 2, Goiás, UFG.

*Veja*: edição 491. São Paulo: Editora Abril, 01/02/1978.

*Veja*: edição 775. São Paulo: Editora Abril, 13/07/1983.

*Veja*: edição 885. São Paulo: Editora Abril, 21/08/1985.

*Veja*: edição 894. São Paulo: Editora Abril, 23/10/1985.

*Veja*: edição 918. São Paulo: Editora Abril, 09/04/1986.

*Veja*: edição 922. São Paulo: Editora Abril, 07/05/1986.

*Veja*: edição 1002. São Paulo: Editora Abril, 18/11/1987.

*Veja*: edição 1088. São Paulo: Editora Abril, 19/07/1989.

*Veja*: edição 1116. São Paulo: Editora Abril, 07/02/1990.

*Veja*: edição 1118. São Paulo: Editora Abril, 21/02/1990.

*Veja*: edição 1119. São Paulo: Editora Abril, 28/02/1990.

*Veja*: edição 1126. São Paulo: Editora Abril, 18/04/1990.

*Veja*: edição 1136. São Paulo: Editora Abril, 27/06/1990.

*Veja*: edição 1183. São Paulo: Editora Abril, 22/05/1991.

*Veja*: edição 1193. São Paulo: Editora Abril, 31/07/1991.

*Veja*: edição 1231. São Paulo: Editora Abril, 22/04/1992.

*Veja*: edição 1296. São Paulo: Editora Abril, 14/07/1993.

*Veja*: edição 1310. São Paulo: Editora Abril, 20/10/1993.

*Veja*: edição 1338. São Paulo: Editora Abril, 04/05/1994.

*Veja*: edição 1437. São Paulo: Editora Abril, 27/03/1996.

*Veja*: edição 1524. São Paulo: Editora Abril, 03/12/1997.

*Veja*: edição 1598. São Paulo: Editora Abril, 19/05/1999.

*Veja*: edição 1629. São Paulo: Editora Abril, 22/12/1999.